

HUTTER, Mark. **Experiencing Cities**, Boston: Pearson, 2007¹

Henrique Dorneles de Castro²

A primeira parte do livro inicia com uma breve exposição sobre o âmbito urbano da sociedade, que serve como justificativa para a existência da sociologia urbana tendo como objeto de estudo a cidade, centro da civilização e local onde a cultura se desenvolve (e é desenvolvida). É posta a grande quantidade de habitantes nas metrópoles, fazendo uma linha histórica dessa evolução da população urbana no mundo, assim como a localização dos maiores aglomerados antigos e atuais.

No segundo capítulo, Hutter vai às origens dos assentamentos urbanos, explicando que a revolução agrícola cria as condições necessárias para a primeira revolução urbana e o surgimento da urbe: estoque de comida e instituições para controlar a distribuição desta. A seguir é feito um paralelo entre este modelo e a teoria das trocas, de Jane Jacobs, segundo a qual as trocas, e não a agricultura, seriam o elemento chave para a criação das cidades.

O terceiro capítulo entra no mundo urbano recente: a revolução industrial (segunda revolução urbana) e o surgimento da sociologia urbana. Aqui, se enfatiza as mudanças ocorridas com a revolução, bem como sua grandiosidade. O autor traz considerações sobre as primeiras cidades européias modernas, tendo em Manchester a “shock city”³ do século XVIII. Numa discussão epistemológica, Hutter traz as tipologias desenvolvidas por sociólogos do e para o período, como a mudança de comunidade (tradição) para sociedade (contratos) vista em Maine e Tönnies.

O quarto capítulo, iniciando a segunda parte, disserta sobre a Escola de Chicago e seus dois principais paradigmas: ecologia urbana e urbanismo. Com suas idéias já agora ultrapassadas ou melhoradas, Hutter busca mostrá-las justamente para fazer a busca dos conceitos e da evolução do pensamento sociológico. Tendo em Chicago a shock City da época, esta corrente ficou caracterizada pela visão da cidade como uma ecologia, com modelos fechados e comportamentos padronizados. O modelo concêntrico de Burgess, onde a cidade se desenvolveria em círculos concêntricos perfeitos, talvez seja o melhor exemplo desta crítica. A escola de Chicago é vista pelo interacionistas simbólicos, sentencia Hutter,

¹ Livro lido para a disciplina Urban Sociology, em semestre de estudos em Bridgewater State College por convênio CAPES-FIPSE. Ainda não publicado em português, disponível apenas por importação.

² Aluno do curso de graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – henrique.dorneles@ufrgs

³ Cidade que sintetiza as características urbanas marcantes de determinada época

como uma distorção grossa da natureza social dos seres humanos, sem espaço para a psicologia social.

O quinto capítulo trata de planejamento urbano, no que parece ser uma má organização do livro. A seqüência do livro é quebrada ao se inserir este tema neste capítulo, deixando para o próximo a discussão sobre economia política urbana. De qualquer modo, são expostos os modelos urbanos, suas qualidades, defeitos e críticas. Burnham e o movimento pelo embelezamento da cidade; a cidade jardim de Ebenezer Howard (que se pôs como modelo, sem sucesso, de alavanca econômica após o crack de 29); a cidade expandida, privatizada e arborizada de Wright; os arranha-céus de Le Corbusier. Há exemplificações do poder de intervenção e da capacidade do estado sobre as cidades, como em New York, Portland e Filadélfia. Por fim, Hutter dedica-se às idéias de Jane Jacobs, contrárias à tendência dominante de expansão para o subúrbio e abandono da esfera pública.

O sexto capítulo expõe as idéias de outra escola, mais moderna e social: a escola de Los Angeles. Com as mudanças governamentais e econômicas dos anos 30 e no pós-guerra, a sociologia urbana teve de reaver seus conceitos. Os preceitos da escola de Chicago de que forças naturais formavam os padrões urbanos perdeu sentido face às novas características do período. David Harvey usa então uma perspectiva marxista de economia política para examinar os conflitos sociais, trazendo a idéia de que o espaço não é somente um fenômeno físico, mas sim que as pessoas dão uma interpretação cultural ao espaço.

Hutter expõe as idéias de Soja, Davis e Dear para caracterizar a cidade atual – pós-moderna, hiper-moderna ou super-moderna? Hutter traz o modelo que Dear faz para contrastar com o arranjo de zonas concêntricas: elementos postos em linhas e grades, num arranjo muito mais complexo, determinado pelo Keno Capitalismo⁴. A seguir, o autor discute vários elementos da sociologia, como a máquina de crescimento urbano, a perspectiva sócio-espacial, a discussão de Zukin sobre a quem pertencem a cidade e a cultura, a imagem urbana e o significado simbólico do lugar, as políticas de poder e a memória coletiva.

A terceira parte do livro trata das imagens da cidade. O capítulo sete traz exemplos de imagens e ressignificações ocorridas. Paris como cidade luz pintada pelos impressionistas, tendo passado por uma reforma urbana burguesa - Haussmanization. Nova Iorque e a escola de Ashcan, com uma perspectiva oposta, mostrando o submundo com o realismo social nas artes. O autor fala sobre os murais de rua, que servem como canal de expressão de uma territorialidade ou então como uma forma de tomada de poder pelo governo, quando este

⁴ Processos de decisão e ação que influenciam os padrões de uso do solo das cidades pós-modernas(DEAR & FLUSTY, 1998).

passa a organizar os programas de artes dos murais, e não mais a comunidade. O capítulo oito trata especificamente de um item como símbolo, o arranha-céu. Este teria como significado o poder das corporações que o detém, como uma imagem física imponente de todo o poder de capital. Hutter finaliza este capítulo com o ataque ao World Trade Center, explicando o poder simbólico do ataque, justamente por ter sido direcionado ao maior item do capitalismo financeiro.

A quarta parte trata da psicologia social, das relações entre as pessoas na cidade. O capítulo nove trata da questão dos estranhos e da ordem pública. Hutter inicia com uma exposição das três esferas da sociedade, em ordem de menor âmbito para maior: privada, paroquial e pública. A seguir o espaço público é focado, com a idéia de Lofland de seis usos do mesmo. Entre os usos, estaria o de ser o lugar da prática política e do contato com o diferente gerando, assim, a tolerância. É trazida também a idéia de Oldenburg de terceiros lugares como sítios para encontros, conversas, passeios, entretenimento, enfim, lugares informais de reunião. A vitalidade de uma vida em comunidade depende da existência e qualidade desses terceiros lugares. O âmbito público gera contato com o sujeito diferente, estranho e a multidão, tornando muitas vezes o sujeito anônimo. Hutter discute vários autores nessa questão dos estranhos no espaço público – as pessoas vão para estes espaços porque neles se sentem bem e seguras. Esta segurança se dá pela presença de outros; no momento que o espaço público é esvaziado, perde o elemento que dá segurança às pessoas, torna-se inseguro e, portanto, passa a ser evitado. Em todo este capítulo Hutter mostra a importância do âmbito público e se posiciona contra a privatização do espaço público, elemento essencial e fundador da cidade moderna.

O capítulo dez trata da desordem na cidade e da ecologia do medo. Hutter concorda com Sennet que diz que a vida social contemporânea está sofrendo como consequência do colapso da vida pública e a falta de civilidade das pessoas. De acordo com Jacobs, esta era aprendida no contato com o diferente, com os estranhos familiares do espaço público, que ocorre cada vez menos à medida que se privatiza mais a sociedade. Hutter trata também das questões da exclusão dos afro-descendentes da esfera pública, da teoria da janela quebrada⁵, a ecologia do medo e a consequente fortificação e vigilância urbana.

A quinta parte é sobre as pessoas na cidade. O capítulo onze trata de enclaves étnicos e guetos, bem como as políticas sociais que os originaram e os mantêm. Compara os guetos negros com os enclaves de imigrantes brancos, e as diferenças da hip segregação (negros) e

⁵ Broken Windows (tradução livre) – teoria na qual pequenos delitos tolerados levam a delitos maiores e uma atmosfera de medo

da assimilação (imigrantes brancos) na cidade. Fala sobre os projetos de renovação urbana, que ficaram conhecidos como remoção de negros⁶ e da gentrificação – transformação de bairros pobres em ricos através da migração da população. O capítulo doze trata dos gêneros na cidade, diferenças de tratamento e assédio. Discute o papel e os direitos dos homossexuais na cidade, das tribos urbanas e da classe criativa, e a mudança de postos de trabalho de acordo com a localização da força de trabalho (no caso, da classe criativa).

O capítulo final desta parte trata sobre a família e as relações de parentesco. Hutter mostra a mudança que a revolução industrial causa nas relações familiares: é a partir do século XVII que o conceito de família, como unidade nuclear, passa a existir. Antes da revolução industrial, as atividades eram públicas, e o isolamento não existia e nem era possível, dada a densidade. A família era apenas uma parte de uma sociedade integrada como um todo. A partir da revolução industrial que a vida começa a se privatizar, surgindo a família nuclear, e aumentando a importância das relações de parentesco. A seguir, o autor ilustra as diferenças entre as famílias afro-descendentes, imigrantes e classe média branca nos Estados Unidos.

Na parte seis, sobre o significado dos lugares urbanos, Hutter aborda o shopping center e os complexos esportivos do beisebol e suas significações e impactos na cidade. Aborda a mudança das lojas centrais para mega shoppings com a suburbanização – shoppings estes sem identificação com o local. Sobre Beisebol, o autor utiliza o esporte para mostrar a transformação do rural para o urbano: o Beisebol, que teria começado no interior, alcança projeção nos centros urbanos. E é através do esporte e da mídia – e do esporte com a mídia – que o sentimento de orgulho nacional é criado e fomentado.

A sétima e última parte tem o capítulo dezesseis dedicado à suburbanização dos EUA. Iniciando com uma discussão sobre o conceito de subúrbio – definido em termos espaciais, mas também simbólicos. Passa então para o desenvolvimento de fato dos subúrbios, adotados como estratégia governamental e do mercado imobiliário no pós-segunda guerra, baseados em solo barato, automóveis acessíveis, técnica de construção em massa, sistemas de rodovias e etc. É discutido então as raças (étnicas) e os subúrbios, dado o caráter eminentemente racista destes. Em relação ao aspectos estruturais, têm-se considerações sobre os condomínios fechados (fortificação dos subúrbios), o novo urbanismo (que visa adotar outro modelo urbano, mais central) e a localização do quintal: nos fundos para evitar o contato e se esconder da rua, do público.

⁶ Urban Renewal (renovação urbana) = Negro Removal (remoção de negros). Tradução livre

O décimo sétimo capítulo discute o capital social, e sua diminuição em face à maior privatização da sociedade – focando nas técnicas que possibilitam este isolamento local e conectividade global. Hutter demonstra problemas públicos que podem ser causados por este isolamento social, como por exemplo, a onda de mortes de idosos na Europa – este moravam sozinhos, os filhos não visitavam, e ficavam presos dentro da sua própria casa, dado que a esfera pública está cada vez mais diminuída.

O último capítulo trata sobre cidades ao redor do mundo, ampliando a visão do livro. O autor inicia a discussão pelas características do desenvolvimento dos países do terceiro mundo, já que a organização do espaço é reflexo das relações de produção. Expõe as teorias sobre os modelos de desenvolvimento, como a da modernização, a desenvolvimentista e da dependência. Concordando muito com Castells, que não há como os países subdesenvolvidos seguirem o modelo dos já desenvolvidos (pois foi alcançado através da exploração dos primeiros), Hutter finaliza expondo as contradições inerentes ao sistema e suas conseqüências sociais como os conflitos urbanos.

Experiencing cities é um livro que serve como introdução à sociologia urbana, mas aplica-se a inúmeras outras ciências; o conhecimento não é fragmentado como a organização das ciências. Hutter consegue, mesmo tendo como foco os EUA, trazer observações globais e pertinentes; e mesmo os capítulos específicos são de grande utilidade, dado o caráter homogeneizante dos processos capitalistas. Torna-se uma leitura básica para qualquer discussão sobre o tema urbano. *Experiencing cities* consegue se fazer uma leitura introdutória porém profunda, de grande acréscimo à discussão sobre a questão urbana, altamente recomendada para qualquer estudioso do assunto, desde estudante de graduação à doutores

O livro traz conceitos e teorias que podem, e devem, ser aplicados para a análise do urbano no Brasil como, por exemplo, os processos de revitalização urbana – e suas ideologias- já experimentados nos EUA. As idéias em defesa do espaço público, mesmo em uma sociedade privatizada em si, demonstram a importância deste espaço como essencial para a sociabilidade, para a segurança e para a governabilidade. Demonstra também a importância das trocas culturais, já que o contato só se deu devido à parceria entre universidades brasileiras e estadunidenses para troca de estudantes. Pela relevância dos estudos abordados, a tradução para português contribuiria sobremaneira para as pesquisas na área urbana.